

## A primeira ideia verdadeira no TIE: ideia do corpo e ideia-da-ideia\*

André Martins\*\*

**Resumo:** O presente trabalho tem como propósito esclarecer o significado da “primeira ideia verdadeira” no *Tratado da Reforma do Intelecto* (TIE) de Spinoza. Para tal, é preciso analisar o sentido da imaginação e do afeto em Spinoza, e sobretudo entender com clareza os conceitos-chave de ideia do corpo e ideia da ideia.

**Palavras-chave:** ideia; imaginação; afeto; corpo.

### The first true idea in TIE: idea of the body and idea-of-idea

**Abstract:** The present work aims to clarify the meaning of “the first true idea” in Spinoza’s *Treatise on the Emendation of the Intellect*. For such, an analysis of the sense of imagination and affect in Spinoza is needed, as well as the clear understanding of the key concepts of idea of the body and idea of the idea.

**Keywords:** idea; imagination; affection; body.

Spinoza descreve no *Tratado da Reforma do Intelecto* (TIE)<sup>1</sup> quatro formas de percepção. A *primeira*, pelo ouvir dizer, e a *segunda*, pela experiência vaga, nos ensinam muitas coisas úteis “ao uso da vida” (§ 20), mas nos ensinam apenas efeitos sem causas, o que nos impede que os conheçamos claramente (§ 26 e 27), o que só acontece quando conhecemos suas causas, isto é, suas essências. A *terceira* forma permite que se conheça a essência, mas “não adequadamente” (§ 19, III). Neste caso, conhecer não adequadamente significa precisamente, tal como Spinoza esclarece em nota, que conhecemos (*intelligimus*) o efeito, porque o sentimos, e apenas concluímos (*concludebamus*) a causa, sem a conhecer (§ 21, nota 1). O exemplo dado é o da união de corpo e mente. Sentimos somente nosso corpo, e concluímos então que nossa mente está unida a este corpo, e que não está unida a outro corpo (§ 21). Conhecer o efeito consiste em conhecer a própria sensação (*sensationem ipsem*, § 21, nota 1). A conclusão da causa é certa (*certa*), confiável, mas não segura o suficiente (*non satis tuta*, § 21, nota 2). Por quê não? Spinoza explica em nota (dando assim, aliás, uma das explicações

---

\* Artigo desenvolvido a partir do texto apresentado no XI Colóquio Internacional Spinoza Américas, PUC-RJ, em novembro de 2014.

\*\* André Martins é professor Associado da UFRJ. Contato: [andre.mar@terra.com.br](mailto:andre.mar@terra.com.br)

<sup>1</sup> Usamos a tradução de Carlos Lopes de Matos in *Espinosa*, São Paulo, Abril, 1983 (Col. Os Pensadores), cotejando-o com o texto original em latim.

para a origem das ideias falsas ou erros da mente, § 21, nota 2): porque conhecendo-se as causas, ou essências, pelos efeitos, é preciso tomar-se muito cuidado para não se cair em erro, uma vez que as sensações nos permitem apenas conhecimentos abstratos (subjetivos, possamos talvez dizer), sendo facilmente confundidos pela imaginação (isto é, facilmente podemos associar à imagem sentida outras imagens que não explicam adequadamente o que se sentiu). De modo geral, pelas sensações, “o que é em si uno, os homens imaginam como múltiplo”, pois ao conceberem separadamente (*seorsim*) as coisas, lhes “impõem nomes que são usados por eles para coisas mais familiares” e assim as imaginam “como costumam imaginar as coisas a que primeiramente impuseram esses nomes” (§ 21, nota 2). Na esteira do exemplo ora dado por Spinoza, podemos dizer (seguindo a crítica de Spinoza aos estóicos no próprio TIE, §74) que os homens tendem assim a imaginar *o corpo sentido e a mente que sente* como duas coisas separadas, concebendo-os por analogia a dois corpos, tal como lhes é familiar, e assim a concebê-los como duas substâncias, percebendo a mente como uma espécie de corpo, porém imaterial. Ou seja, embora possamos concluir corretamente uma causa da sensação de seu efeito, ou a essência da causa pelo conhecimento do efeito, o fato de a causa não ter sido conhecida primeiramente pela mente, não nos dá a certeza de que a inferência foi feita corretamente, isto é, que a inferência foi feita por associações de imagens corretas e não por mistura (portanto, por associação indevida) de imagens vindas de outros hábitos ou outras sensações, por semelhança ou familiaridade. Como vemos pelo texto de Spinoza, conhecer o que sentimos (e aqui Spinoza utiliza para ‘conhecer’ o latim ‘*intelligere*’) apenas por inferência lógica não é seguro, pois podemos nos confundir pelas palavras que usamos, e assim não perceber a realidade da coisa a ser compreendida. Por outro lado, ainda que não seja seguro ou obtido adequadamente, ainda assim o conhecimento da essência de algo (de sua causa) pode ser correto, isto é, verdadeiro, se sentirmos o seu efeito com clareza.

A *quarta* forma de percepção, pelo conhecimento da essência (portanto da causa), seria por isso a única segura, pois não depende de inferência: o efeito está implicado na causa, e, portanto, o conhecimento do efeito está implicado no conhecimento da causa. No exemplo de Spinoza: “por conhecer a essência da alma, sei que ela está unida ao corpo” – se a mente é a ideia do corpo, é necessariamente de sua natureza estar unida a ele<sup>2</sup>. Em outras palavras, o conhecimento da causa consiste não

---

<sup>2</sup> Como lembra Carlos Lopes de Mattos em sua tradução, na nota 26.

mais em um conhecimento abstrato e imaginativo que necessita tirar conclusões para conhecer, mas no conhecimento do real, sem a necessidade de conclusão ou inferência lógica alguma.

Ou ainda: o conhecimento da essência é o conhecimento *adequado* da *sensação* que se sente claramente. É, portanto, uma ideia (adequada) da ideia (sentida) do corpo. A quarta forma de percepção, portanto, consiste em não só eu saber algo, mas ao saber, “saber que sei isso” (§ 22), isto é, saber que eu sei corretamente isso, pois saber algo pela essência me dá a segurança da certeza do que sei sobre aquilo.

Saber algo significa compreender algo verdadeiramente. Se sinto meu corpo, compreendo que minha mente é unida a ele, isto é, que corpo e mente são um só, caso não me confunda com imagens inadequadas. O que pode me impedir de conhecer verdadeiramente, no caso, não é o sentir o corpo, que é claro e verdadeiro, mas a ideia que tenho ou que infiro disso. Ou seja, a ideia do corpo, a ideia que é o próprio sentir, é verdadeira. *A ideia dessa ideia* é que pode ser ou não verdadeira. E não será verdadeira somente quando eu, além de associar imagens inadequadamente, por exemplo, imaginar a mente como uma alma na forma de um corpo imaterial, *aderir* a essa ideia inadequada, isto é, considerar que essa inferência inadequada é verdadeira. Neste caso, o que será falso não será propriamente a ideia inadequada, mas sim a adesão a ela como se fosse verdadeira. Quando não há essa adesão, a ideia da ideia não será verdadeira nem falsa, mas fictícia. E a ideia da ideia será verdadeira em duas situações, descritas na terceira e na quarta forma de percepção, respectivamente: quando eu inferir corretamente a causa a partir do efeito, quando o conhecimento será verdadeiro, mas inadequado, e quando eu conhecer a partir das causas. A inadequação não implica a falsidade da ideia. Ou mais precisamente: (a) a inadequação de uma ideia se define por ser um conhecimento pelo efeito; neste sentido a ideia inadequada é inadequada ao ser a ideia do corpo, isto é, a ideia sentida, uma vez que o que o corpo sente é o efeito dos outros corpos (e do ambiente de um modo geral) em nós; (b) a ideia dessa ideia pode se dar pelo conhecimento da essência (o que no TP se dá na quarta forma de percepção, e na *Ética* será o caso nos segundo e terceiro gêneros de conhecimento; cf. E II 40); (c) mas a ideia dessa ideia pode também se dar por associação de imagens respeitando o que sentimos (terceira forma de percepção no TP: sentimos a essência), quando portanto será verdadeira porém inadequada; (d) mas pode acontecer também de essa associação de imagens vincular ao que é sentido ideias e imagens inadequadas, advindas de outras experiências mais familiares e habituais, de modo que a inferência feita a partir da ideia

sentida do corpo e das imagens associadas leve (d.1) a uma ideia-da-ideia fictícia (que não é verdadeira nem falsa) ou, o que é mais freqüente (pois que com freqüência a inferência se dá na busca da compreensão adequada da causa), (d.2) a uma ideia-da-ideia falsa. Em resumo, a ideia do corpo pode gerar uma ideia-da-ideia inadequada verdadeira, mas não impede que se tenha uma ideia-da-ideia que seja falsa. O desafio assumido por Spinoza é então o de buscar meios de se ter ideias-da-ideia adequadas, de modo a que sejam, enquanto adequadas, necessariamente verdadeiras. Para que a ideia-da-ideia seja verdadeira, e, por conseguinte, para que seja adequada, deve ter origem na ideia do corpo (obviamente) e não se dissociar dela. Spinoza deixa claro: a dissociação na mente se dá quando essa associa erroneamente ao que o corpo sentiu imagens habituais e familiares de outras experiências e adere a elas.

Sem dúvida os segundos exemplos dados por Spinoza respectivamente para a terceira e a quarta formas de percepção podem nos ajudar a entender mais claramente isso. No terceiro, conhecemos “a natureza da visão e sua propriedade de fazer com que uma coisa enxergada de longe lhe pareça menor do que de perto”, o que nos permite concluir “que o sol é maior do que parece” (§ 21). As duas premissas são verdadeiras, assim como a conclusão. Mas essa conclusão, embora verdadeira, não está implicada nem na essência do sol nem na essência da visão, mas se infere da associação desses dois conhecimentos. Pela quarta forma de cognição (*cognitione*), por conhecer a natureza da unidade (por experimentá-la, senti-la e compreendê-la), “sei” que “dadas duas linhas paralelas a uma terceira, são também paralelas entre si” (§ 22). A conclusão do paralelismo entre as duas linhas é, não exatamente concluído, mas implicado (embutido, ou *envolvido*) no fato de cada uma delas serem paralelas a uma terceira.

No primeiro caso (terceira forma de cognição), não há implicação, mas associação, no entanto verdadeira. Não há segurança quanto a se tratar de uma ideia verdadeira pois é possível haver algum outro fator, dado ou variável que não está sendo levado em conta, mas que, caso fosse, mostrasse que a conclusão é falsa. Ficcionemos um exemplo: poderia haver algum efeito ótico até então desconhecido, devido a características do ar, digamos, que fizesse com que o sol fosse de fato do tamanho que percebemos, mesmo estando distante. Ou seja, podemos ter certeza da essência da visão e de suas propriedades, mas sua aplicação (por associação de imagens) a casos específicos da experiência está sujeita a erros, pois suas conclusões dizem respeito a efeitos, não estando implicadas nas propriedades essenciais conhecidas. No segundo

caso, há implicação (e, portanto, coerência, mais que associação lógica de premissas), e por isso certeza da verdade.

Na terceira forma de percepção, sei algo (sei que sinto o corpo, ou que a visão nos faz ver o que está distante como menor do que é, e sei essa propriedade da visão porque a experimentei, a senti modificando o meu corpo), e a partir disso concluo algo a mais, mas não tenho como saber se essa conclusão é de fato verdadeira (apenas infiro que seja). Ou seja, sei a conclusão, mas ao sabê-la, ainda assim não sei se a sei (verdadeiramente). Essa forma de cognição não é, portanto, segura, por não ser adequada, embora possa ser verdadeira. Somente a forma de cognição que conhece as essências e causas é segura de que é verdadeira. No entanto, essa quarta forma de percepção ou de cognição das essências, não é obtida imediatamente. É já uma sofisticada ideia da ideia, um pensamento reflexivo que é fruto de uma longa investigação (§ 31). Mas como ou por onde começar a conhecer com segurança?

Spinoza propõe então (§ 30 a 32) que pensemos quais seriam os instrumentos intelectuais iniciais que nos permitirão começar a investigar, a partir dos quais possamos construir outros instrumentos intelectuais mais sofisticados, “assim prosseguindo gradativamente até atingir o cume da sabedoria” (§ 31), somente propiciada pela quarta forma de cognição ou percepção. Esse primeiro instrumento deve, portanto, ser inato ao intelecto, já que é inicial e não construído, e se confunde assim com a formação *imediate* da primeira ideia verdadeira. Spinoza afirma: “deve existir em nós, como instrumento inato, uma ideia verdadeira” (§ 39), caso contrário não seria possível avançar até uma ideia-da-ideia seguramente verdadeira. Esse primeiro instrumento, a partir do qual se pode erigir um conhecimento seguro de quarto tipo, em si mesmo não é seguro, mas apenas verdadeiro. Esse primeiro instrumento não é nem garante a quarta forma de percepção, ao contrário, é uma forma primária e rudimentar de conhecimento, mas é verdadeiro e inato. E é por ser verdadeiro e inato que é necessário, inevitável, como primeiro passo para se chegar à segurança de certeza da verdade como índice de si mesma propiciada pela quarta forma de conhecimento, o conhecimento pelas essências, pelas causas.

Mas o que Spinoza entende por primeira ideia verdadeira, uma ideia inata, oriunda da “força nativa” (*vim nativam*, § 31) do intelecto? Ou ainda: em que sentido

para Spinoza “a primeira essência objetiva é inata em nós” (*prima essentia obiectiva nobis innata sit*, § 34, nota)<sup>3</sup>

Aqui é preciso entender que a primeira ideia verdadeira não é ‘já existente’ ou a priori em nosso intelecto<sup>4</sup> – nem no sentido de ser uma essência objetiva de algo que existe, mas anterior a este algo, anterior à sua essência formal; nem no sentido de ser uma essência objetiva sem que o seja de uma essência formal, uma ideia ou uma forma pura. Como então entender o que seja uma essência objetiva inata, que existe em nós?

Aqui Spinoza traça a imensa diferença entre sua filosofia da imanência e filosofias da transcendência como a de Sócrates e Descartes (e posteriormente, podemos dizer com segurança, a de Kant). Talvez, neste ponto, a dificuldade de alguns comentadores em perceber a novidade de Spinoza, decerto mais perceptível na *Ética*, tenha levado-os a considerar o TIE uma tese fundamentalmente cartesiana<sup>5</sup>, ao recorrer à necessidade de se ter uma ideia inata – quando, a nosso ver, muito pelo contrário, a ideia inata estabelecida no TIE constitui, ao contrário, precisamente o que fundamenta a *Ética*, tornando-se assim inestimável ferramenta para sua compreensão e esclarecimento.

A primeira ideia verdadeira é uma essência objetiva de um corpo que nos afetou, portanto de um corpo que tem uma essência formal. Mas se diz dessa essência objetiva que é inata, no sentido de que é imediata, de que é inato ao intelecto formá-la; ou ainda, de que o intelecto consiste no próprio ato de formar essa essência objetiva primeira – que *por isso* é verdadeira: é porque essa primeira essência objetiva é imediata, própria ao intelecto em si, que se diz que é inata, e que é necessariamente verdadeira. A primeira ideia verdadeira, portanto, existe (e não pré-existe) em nós, não como um conteúdo dado, ou como uma essência objetiva pronta em nosso intelecto, *a priori*, mas

---

<sup>3</sup> Nunca é demais lembrar que a essência objetiva, segundo Spinoza, é a essência inteligível, a ideia quando essencial. Por sua vez, a essência formal é o objeto da essência objetiva. Assim, o objeto real (o corpo) é a essência formal da primeira essência objetiva (a ideia do corpo). Essa primeira essência objetiva será objeto de uma nova ideia, sendo, portanto, para essa segunda essência objetiva, sua essência formal (isto é, seu objeto). Mattos (na nota 35 de sua tradução) explica da seguinte maneira: “*formal* é o por si, em sua essência real, oposto a *objetivo*, ou seja, conceitual, na ideia.”

<sup>4</sup> Como pensara Mattos (na nota 33 de sua tradução), que a considera, ademais, não originada das coisas, “mas atividade autônoma do intelecto”. Este erro parece comum entre comentadores, o de achar que a força nativa do intelecto significaria uma origem no próprio intelecto de forma pura, sem a presença do corpo, como se o intelecto pudesse existir sem o corpo, o que contrariaria toda a ontologia de Spinoza. Ora, ao contrário, trata-se de ideia própria ao intelecto, não como previamente existente ou já dada, mas como *imediata*, sem mediação da associação de imagens do corpo e de ideias, isto é, como *ideia do corpo* que se afetou. Esta afecção e sua ideia se originam do encontro com o objeto, como no exemplo da primeira ideia verdadeira de Pedro. Mattos, tal como outros comentadores, parece aqui projetar sobre Spinoza um inatismo cartesiano que, no entanto, lhe é clara e inequivocamente estranho.

<sup>5</sup> Cf. por exemplo, A. Matheron, ‘Pourquoi le TIE est-il resté inachevé?’ *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 71, 1987.

porque (ou no sentido de que) nós existimos, e porque sendo corpo e mente, formamos essa primeira essência objetiva a partir de nós mesmos, de nosso próprio intelecto, porém não de um intelecto isolado do real, mas ao contrário, de nosso próprio intelecto no que este forma a ideia de nosso corpo afetado por um outro corpo.

A primeira ideia inata não é, portanto, uma ideia específica de uma imagem ou traço singular (como seria para Platão, por exemplo), pertencente autonomamente ao intelecto – afinal, ideias são formações dinâmicas, processos, concepções da mente, e não figuras. Tampouco a primeira ideia verdadeira é uma ideia sem objeto, pois que só há ideias do corpo e ideias de ideias, não fazendo sentido existirem ideias que não sejam do corpo afetado ou abstrações a partir dessas ideias do corpo, pairando puras e isoladas em nosso intelecto, como se nosso intelecto ou essas ideias-da-ideia fossem algo fora da natureza.

A primeira ideia verdadeira é a ideia que acompanha cada e toda imagem singular (de um traço singular) que se forma em nossa interação com as demais coisas singulares, o mundo, o outro, o ambiente. Diz-se dessa primeira ideia que já existe em nós porque se forma em nós concomitantemente e incortovelmente em nossas interações, portanto diz-se no sentido de que ela não é construída por uma reflexão da mente, não é a ideia *que se tem* de algo, não é uma ideia-da-ideia. Precisamente porque a ideia que se tem de algo é já a ideia-da-ideia de algo – pois que não há nenhuma coisa que seja somente corpo, sendo também, sempre e necessariamente, ideia, sua ideia, isto é, simultânea e concomitantemente pensamento.

Ou seja, para que se compreenda o que Spinoza está dizendo ser a primeira ideia verdadeira, e que essa nos é inata, é preciso entender que um indivíduo (uma coisa singular) é já, desde o início e sempre, um corpo e sua ideia – e que esse corpo sendo modificado, essa modificação é uma modificação no corpo e sua ideia (isto é, o afeto: o afeto se define como uma modificação do corpo e sua ideia; é uma ideia sentida quando o corpo é modificado, afetado, marcado, concomitante a esta modificação). Tanto o corpo externo como o nosso que por ele foi afetado são corpos e suas ideias. ‘Existe em nós’ significa, portanto: não veio de outro lugar, embora só exista em nós *quando do encontro* com outros modos, com outros corpos. É *porque* nosso corpo foi afetado, que uma ideia do outro corpo se faz em nossa mente sem que venha de outro lugar. Não vem do outro corpo (ou modo), ou de uma reflexão acerca do outro corpo que nos afetou, ou de associações de imagens ou ideias, isto é, não tem origem *na ideia da* afecção por ele causada, mas é concomitante à própria afecção, é *a própria ideia da afecção*. A

formação da primeira ideia – seu surgimento no encontro – é inata a nós, ao nosso intelecto, à nossa mente, portanto, porque, dito nos termos da *Ética*, pertence ao atributo pensamento como pensamento-da-extensão, de maneira que a cognição ou percepção do objeto se dá *imediatamente* – sem mediação da reflexão, sem mediação de uma operação mental secundária – como uma (agora torna-se claro) *primeira ideia*. Fica então evidente que esta só pode ser verdadeira, pois que (no sentido que) é real e imediata. Ela se dá na afecção, lhe é concomitante, e, portanto, se confunde com o afeto. A ideia do corpo é uma sensação, um sentimento, que é o pensamento (sentido) da afecção ou modificação do corpo. O corpo ser modificado, isto é ‘afectar-se’, implica a ideia dessa afecção, o pensamento do corpo; afecção e sua ideia precisamente são o que, como se sabe, na *Ética* Spinoza definirá como afeto (E III def.3). A afecção e sua ideia são o afeto, estão juntos no afeto, são um no afeto e enquanto afeto. Por isso a ideia do corpo é sentida: “em si, de fato, [a ideia] não é outra coisa senão uma sensação” (§ 78), esclarece explícita e inequivocamente Spinoza.

A primeira ideia ser uma primeira essência objetiva inata. Que se diz inata, portanto, por ser uma primeira essência objetiva espontânea, inevitável, necessária, imediata, e não vir de fora do indivíduo, nem derivada por reflexão. Ela é verdadeira não no sentido de ser uma ideia-da-ideia verdadeira, mas *precisamente* por ser a primeira ideia, a única que pode se formar em nós quando nos afetamos. Daí ser *o índice de nossa imanência*, da imanência de nosso corpo e mente, isto é, de nosso corpo e sua ideia: é a própria ideia do corpo afetado. O primeiro pensamento, de nosso corpo pensante, só pode ser uma sensação, um sentimento – pois não é uma ideia refletida pela mente, por qualquer sujeito do conhecimento, mas pensada/sentida pela mente como sensação. A primeira ideia é a de um afeto, de um encontro, é a que se forma no corpo afetado. *Somente esta pode ser o primeiro instrumento do conhecimento adequado, pois todas as demais serão ideias da ideia* – isto é, serão ideia dessa primeira ideia do corpo (e ideia da ideia *dessa ideia*, e ideia da ideia da ideia *dessa ideia* etc.). O primeiro instrumento do conhecimento só pode ser a primeira ideia, pelo fato de ela ser a primeira – não há como começar por outro lugar, *não há como começar por uma ideia da ideia*. Daí precisamente a crítica de Spinoza, que agora se torna clara e evidente, às filosofias de Sócrates e Descartes, pois ambos acreditam ser possível se iniciar o caminho do conhecimento ou da verdade por uma ideia da ideia, desencarnada, por uma ideia que não é do corpo afetado, interagindo com outros corpos, o que os fez duvidar do mundo sensível e dos sentidos – “ao invés de adquirir o verdadeiro conhecimento



dos sentidos” (§ 78), escreve Spinoza, que assim critica os que “nem a si mesmos sentem”, “dizem que nada sabem, e mesmo isso, ou seja, que nada sabem, dizem que ignoram”. Mas é precisamente porque têm um conhecimento inadequado e confuso do real, que “temem confessar que existem” (§ 47), embora, “no que se refere ao uso da vida e da sociedade”, a “necessidade” os tenha obrigado “a supor que existem” (§ 48).<sup>6</sup>

Voltemos o exemplo dado por Spinoza. “Pedro, por exemplo, é uma coisa real; a verdadeira ideia de Pedro, porém, é sua essência objetiva” (§ 34). A verdadeira ideia de Pedro é sua primeira essência objetiva, *porque é a ideia de seu corpo*. E é nesse sentido preciso que ela lhe é inata: Pedro só existe como corpo e sua ideia, como corpo e mente. A primeira essência objetiva de Pedro é verdadeira porque é a ideia de seu corpo, coincidindo assim com a própria mente de Pedro, como fato de seu pensar. Não é uma ideia que Pedro *tem*, mas a ideia que Pedro *é*, assim como Pedro é seu corpo. E essa ideia que Pedro *é*, é dinâmica, um processo contínuo concomitante às afecções de Pedro.

Por sua vez, essa essência objetiva “é, em si, algo real e totalmente diverso do próprio Pedro”, ou mais precisamente, algo diverso de seu corpo, sendo, portanto, uma essência (formal) peculiar – sua ideia é, assim, “também algo inteligível, isto é, objeto de outra ideia, a qual terá em si objetivamente tudo o que a ideia [primeira] de Pedro tem formalmente”. Essa ideia da ideia primeira de Pedro “tem, da mesma forma, a sua essência [formal], que também pode ser objeto de outra ideia, e assim indefinidamente.” Isto é, a ideia da ideia (primeira) de Pedro será objeto de uma outra ideia, que será, portanto, uma ideia da ideia da ideia.

---

<sup>6</sup> Daí a impressão por parte dos filósofos pós-kantianos e do próprio Kant de que a *Ética* seria dogmática: por começar sua reflexão por Deus (isto é, pelo real). No TIE, o método de investigação do real, ao se iniciar pela primeira ideia que é sensação, afirma que somente se chega ao pensamento de Deus (que é, por sua vez, a ideia-da-ideia verdadeira primeira, primordial) através do afeto. Mas não através da experiência que deve ser superada, como em Agostinho ou em Kant; e sim sendo a reflexão verdadeira aquela que pensa a ideia do corpo (e a ideia dessa ideia etc.), sem se dissociar da ideia do corpo. Porque o real é extensão e pensamento, só se pode pensá-lo reflexivamente porque, enquanto modificações, nele nos afetamos de corpo e pensamento. O fato de o primeiro pensamento ser afetivo, necessariamente encarnado, isto é, não ser uma ideia da ideia sem que esta seja ideia do corpo, expressa o fato de que não sou um sujeito pensante imaterial (encarnado ou transcendental), mas que sou pensante *porque* o pensamento é a própria ideia do corpo (no que diz respeito ao modo) e porque o pensamento é o pensamento da extensão (no que diz respeito à substância). Só é possível partir da ideia de Deus, na *Ética*, porque chegou-se a ela, como mostra o método do TIE, pela sensação individual – pela imanência, por um pensamento individual que é primeiro sensação e em seguida reflexão (ideia falsa caso se dissocie da ideia do corpo, ideia verdadeira caso não se dissocie do real por associações inadequadas de imagens). A ideia de Deus é, pois, clara e indubitavelmente (contrariamente ao que, por estranho que pareça, muitos comentadores entenderam), uma ideia da ideia, não podendo ser, portanto, a primeira ideia verdadeira; será, sim, a primeira ideia-da-ideia verdadeira (pois que diz respeito ao que a tudo constitui), que somente é atingível pelo indivíduo através do primeiro instrumento, este sim a primeira ideia verdadeira, que é a ideia do corpo.

A primeira implicação disso é que enquanto a ideia primeira de Pedro não pode ser senão verdadeira (só pode ser verdadeira, é necessariamente verdadeira) – pois que é a própria ideia do corpo de Pedro –, *a ideia dessa ideia pode ser verdadeira ou falsa*. Spinoza dedicará vários parágrafos do TIE para explicar como se forma uma ideia falsa, que, *grosso modo*, não difere de uma ideia fictícia senão pelo fato de a falsa ter nosso assentimento (*assensum*, § 66), isto é, a ideia da ideia falsa consiste em crer (assentir) ser real o que no entanto é não é real, ou ser presente aquilo que não é presente ou atual (enquanto que na ficção sabe-se que a ideia não é real, não sendo portanto nem verdadeira nem falsa; já as ideias duvidosas baseiam-se em ideias falsas). É nesse sentido que somente uma ideia da ideia pode ser falsa, nunca uma ideia do corpo (isto é: a primeira ideia da mente, de uma afecção do corpo, anterior à primeira ideia da ideia, não erra).

Assim como a primeira ideia de Pedro é verdadeira, pois é a ideia de seu corpo, quando somos afetados por Pedro temos uma primeira ideia dessa afecção, isto é, uma primeira ideia de Pedro. E, em si, essa primeira ideia de Pedro em nós, por sua vez, será necessariamente verdadeira (real) em nossa mente, pois é a ideia de nosso corpo afetado por ele (anterior a qualquer interpretação, a qualquer reflexão ou ideia da ideia). Podemos, isso sim, nos enganar ao termos uma ideia dessa primeira ideia em nós acerca de Pedro. Ou não nos enganar: podemos também ter uma ideia adequada de Pedro em nós, através de sua afecção em nosso corpo, isto é, uma ideia adequada da (primeira) ideia de Pedro em nós. Neste caso, teremos uma ideia da ideia verdadeira, um pensamento, uma ideia dinâmica verdadeira acerca de Pedro. No caso do engano, formaremos uma ideia da ideia falsa; e isso se dá quando, consciente ou inconscientemente, associamos às afecções e imagens de Pedro em nós, imagens de coisas e afetos que não estão presentes, tomando-os como se estivessem formando, assim, ideias inadequadas, e caso atribuamos presença a elas, formaremos ideias falsas acerca de Pedro.

Assim, “qualquer um”, diz Spinoza (§ 34), pode “ver que sabe o que é Pedro e também que sabe que sabe e, de novo, sabe que sabe que sabe, etc.” Ou seja, uma coisa é conhecer a essência (formal) de Pedro, isto é, dele (ao que ele nos afeta) fazer uma primeira ideia (ter uma ideia de Pedro); e outra coisa é conhecer a primeira essência objetiva de Pedro (ter uma ideia dessa sua primeira ideia em nós, isto é, ter uma ideia da ideia de seu corpo que nos afetou). A primeira ideia de Pedro nos é inata, não porque temos em nós a ideia de Pedro, mas porque ela é o mesmo que o afeto gerado em nós no

encontro com Pedro. E nesse sentido é primariamente verdadeira. Em seguida, podemos formar uma ideia dessa primeira ideia afetiva. Esta segunda, poderá, portanto, ser adequada ou não, assim como verdadeira ou falsa.

Trata-se de dois conhecimentos distintos sobre Pedro, e o segundo não deriva necessariamente do primeiro. Ou nas palavras de Spinoza: “Daí se verifica que para conhecer a essência [formal] de Pedro não é preciso conhecer a [isto é, ter uma ideia da] própria ideia de Pedro [da sua primeira essência objetiva, aquela que toma Pedro como seu objeto, isto é, a ideia do corpo de Pedro], e muito menos a ideia da ideia de Pedro” – pois a primeira ideia de Pedro em mim é a ideia do meu corpo afetado por Pedro, e não a ideia da própria ideia de Pedro, isto é, não é a ideia da (ou acerca da) mente de Pedro. A primeira ideia de Pedro em mim não é reflexiva, mas afetiva. Prossegue Spinoza: “O que equivale a dizer que não é necessário, para que eu saiba, que saiba que sei”. Uma coisa é conhecer Pedro (afetar-se por ele); outra é ter uma ideia acerca da primeira ideia (afetiva) que tenho de Pedro (isto é, da afecção de Pedro em mim).

É comum a experiência mostrar que conhecemos algo que, no entanto, não conseguimos explicar. Esse primeiro conhecimento é necessariamente verdadeiro, no sentido de que é a impressão do outro em nós; e essa sensação é o único ponto de partida seguro para um conhecimento reflexivo acerca desse outro, a partir do quê se poderá dizer que a verdade é índice de si mesma. Buscar compreender esse conhecimento primeiro, por sua vez, pode nos dar uma ideia-da-ideia verdadeira, isto é, adequada. Ou não.

Por vezes podemos ter a impressão de que a ideia que temos de algo, de Pedro por exemplo, é falsa desde o início, mas quando isso ocorre, é porque já se trata de uma ideia da ideia de Pedro, por associações a afetos, imagens e ideias passadas, e não da primeira ideia de Pedro em nós, que é sempre afetiva, isto é, é sempre a ideia de nosso corpo marcado por Pedro. Essa nossa primeira ideia é um sentimento, ou sensação, pois confunde-se com o próprio afeto em nós como efeito do encontro com Pedro, uma vez que o afeto nada mais é do que a ideia da afecção do nosso corpo marcado pelo outro (isto é, a afecção de nosso corpo e sua ideia, tal como define a *Ética*).

Spinoza enuncia dessa maneira o ponto chave de sua filosofia da imanência. Enquanto não é preciso ter-se uma ideia (ou ter consciência, ou ter um conhecimento reflexivo) da ideia de Pedro para conhecê-lo, o inverso é necessário, pois que “para saber que sei, devo necessariamente antes saber” (§ 34): *não é possível ter-se uma ideia da ideia, sem antes ter-se uma ideia do corpo* – pois toda ideia da ideia é antes uma

ideia da ideia do corpo. E mais, o conhecimento falso é aquele que se dissocia da ideia do corpo, isto é, da realidade, assentindo-se a abstrações e universais que não corresponderão à realidade. Ou, dito no sentido inverso: sempre que a ideia da ideia se dissocia da ideia do corpo, forma-se uma ideia (da ideia) falsa – o que ocorre na idealização, presente em toda e qualquer metafísica, que é um exemplo claro de inserção assentida de ideias e imagens passadas e prévias que ao invés de servirem de apoio para a compreensão da coisa singular presente, funcionam como obstáculo a essa compreensão, no que reduzem o novo e singular ao já conhecido anteriormente, fixando aquele em imagens que não corresponderão à coisa ou situação atual. A ideia (da ideia) verdadeira não apenas parte necessariamente de uma ideia do corpo, mas precisa, para ser verdadeira, manter-se associada a ela. Uma ideia da ideia que parta da ideia do corpo, buscando, no entanto, livrar-se, purificar-se deste, na tentativa de constituir-se em uma ideia absoluta ou verdadeira em si, necessariamente estará associando-se a outras ideias, motivos, intenções, imagens, que não estão presentes, oriundas de definições (provavelmente morais) vindas de outras experiências passadas, e acopladas à sensação atual de modo a falseá-la, sob a narrativa de dizer-lhe a verdade. A verdade é incontornavelmente a compreensão da ideia do corpo, da primeira essência objetiva, e não uma pretensa depuração da primeira ideia, da sensação acerca do sensível, da essência formal considerada (previamente, por petição de princípio, sem dúvida como defesa psíquica inconsciente) impura, em direção a uma suposta verdade em si, pura, formal – sem que fosse antes e necessariamente a essência objetiva de uma essência formal extensa, real e atual. A verdade não somente passou antes pelos sentidos ou pela experiência, para delas se dissociar; mas a ideia verdadeira é aquela que compreende os sentidos e a experiência, ao invés de associar-se a imagens prévias na imposição de uma pretensa verdade externa àquilo que se propõe conhecer.

O que vale dizer que não é possível ter-se uma ideia verdadeira sobre a primeira ideia, se esta não for verdadeira, isto é, se esta não for uma ideia do corpo, uma ideia afetiva – não é possível eu saber que conheço Pedro, *se eu não o conhecer...* Essa aparente redundância ou evidência esclarece a necessidade absoluta da imanência, tanto para que se pense, simplesmente (mesmo que se tenha ideias falsas, isto é, ideia da ideia falsa), como para que se tenha ideias verdadeiras (isto é, ideia da ideia verdadeira). A certeza do conhecimento só pode se dar quando antes se conhece (a ideia-da-ideia verdadeira é uma ideia verdadeira acerca da primeira ideia verdadeira). Em outras palavras, *a ideia da ideia que nos dá a certeza segura (quarta forma de percepção ou*

*conhecimento) de que se trata de uma ideia-da-ideia verdadeira, não pode ter como ponto de partida uma ideia objetiva sem que o seja de uma essência formal, isto é, de um corpo que nos afeta.*

Spinoza conclui: “Daí se vê que a certeza nada mais é que a própria essência objetiva, a saber, o modo como *sentimos* a essência formal é a própria certeza” (§ 35, grifo nosso). A primeira ideia verdadeira, a primeira essência objetiva, é verdadeira com certeza *porque é* o modo como *sentimos* a essência formal do nosso corpo afetado. Este é o ponto de partida para a certeza de qualquer ideia da ideia, isto é, de qualquer essência objetiva que tem como objeto a essência formal da ideia do corpo. “Donde se segue, de novo, que para a certeza da verdade não precisamos de nenhum outro sinal senão ter uma ideia verdadeira. Pois, como mostramos, não é necessário, para que eu saiba, que eu saiba que sei”. Este primeiro ‘sei’ é dado, no que diz respeito à primeira ideia verdadeira, isto é, à primeira essência objetiva (que toma a essência formal do corpo como objeto), pelo sentir o corpo que é seu objeto (por isso essa essência, como ideia do corpo, é dita inata – já que *sentimos* o corpo tal como ele é, como nos diz a *Ética* (E II 13, cor.), e não poderia ser diferente, pois que a ideia do corpo é óbvia e necessariamente unida a ele, por definição, isto é, de fato, na realidade). Enquanto que, no que diz respeito à ideia da ideia, isto é, às demais essências objetivas (isto é, a cada essência objetiva que toma a essência formal da ideia anterior como objeto), a certeza do ‘sei’ só é dada pelo conhecimento das causas, das essências (ou ‘definições’) – no que consiste a quarta forma de percepção ou cognição –, e não de seus efeitos ou da inferência ou conclusão por associação de ideias acerca de outras essências.

Por isso, conclui enfim Spinoza, “que não é o verdadeiro método procurar o sinal da verdade depois de adquirir as ideias”, como pensara Descartes, “mas que o verdadeiro método é o caminho para que a própria verdade, ou as essências objetivas das coisas, ou as ideias (tudo isso quer dizer o mesmo), sejam procuradas na devida ordem” (§ 36) – ordem que principia pela ideia do corpo, que é *sentida* (e por isso é necessariamente verdadeira), imediata, como ideia da afecção do próprio corpo, afetado pelo corpo que é percebido. Isto é, ordem que principia no afeto, no que este é a (primeira) ideia (verdadeira) do corpo, sem a qual toda ideia da ideia será falsa, porque parcial e confusa – sendo este o próprio significado da inadequação: uma ideia não

adequada à essência formal da qual ela seria ideia, porque não adequada à (dissociada da) ideia do corpo de quem a pensa.<sup>7</sup>

*Recebido em: 18/06/2017*

*Aprovado em: 23/09/2017*

---

<sup>7</sup> Do mesmo modo, a adequação é o fato de que “a ideia se apresenta objetivamente do mesmo modo que se apresenta realmente [formalmente] o seu ideado” (§ 41). O que está implicado na própria definição ou realidade da ideia como essência objetiva de sua essência formal, seja essa o corpo, e nesse caso não há como haver falsidade, ou outra ideia, quando a falsidade é precisamente a inadequação à qual se assente; isto é, a não correspondência senão parcial ao ideado (pelo fato da mistura de outras imagens ou ideias por associação inadequada), causando a inadequação em relação à própria mente pensante, raciocinante, isto é, em última instância, ao próprio corpo afetado.